

Negociador é morto e acordo de paz fica mais distante



Deputado ucraniano acusa o próprio governo de assassinar um dos negociadores do país por suposta "traição", na véspera da terceira rodada de negociações por um cessar-fogo. Macron e Erdogan voltam a pedir a Putin que negocie a paz

Jogo de morte e intrigas no tabuleiro diplomático

de VINICIUS DORIA
ESPECIAL PARA O CORREIO

Prevista para ocorrer hoje, em Belarus, a terceira rodada de negociações por um cessar-fogo não havia sido confirmada oficialmente por nenhuma das duas partes até o fim da noite de ontem. A informação de que um dos membros da delegação ucraniana foi morto em circunstâncias ainda não esclarecidas ajudou a aumentar a tensão que envolve esse encontro.

O jornal russo *Pravda* publicou relato do deputado ucraniano Alexander Dubinsky de que o negociador Denis Kireyev pode ter sido assassinado pelo Serviço de Segurança da Ucrânia (SBU, na sigla em inglês) por traição. De acordo com o deputado, Kireyev foi atingido por tiros em um prédio público no centro de Kiev.

Dubinsky postou, em uma rede social, que Kireyev estava envolvido em "negócios bancários e financeiros" com a Rússia. "Como ele chegou a membro da delegação ucraniana? Eu, realmente, quero descobrir isso no gabinete do presidente (Zelenski)", escreveu o parlamentar. Fontes ouvidas pelo *Pravda* disseram que o SBU tinha "provas sólidas de traição" de Kireyev, o que incluía gravação de ligações telefônicas.

O governo da Ucrânia confirmou a morte, mas negou que ele tenha sido assassinado. O Exército ucraniano publicou, em sua conta oficial no Twitter, que Kireyev foi um dos três agentes mortos em uma operação especial, todos "funcionários da diretoria de Inteligência do Ministério da Administração Interna".

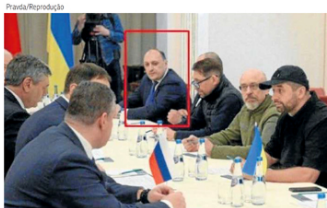
Em uma rede social, o negociador David Arakhamia, da Ucrânia, confirmou a realização da terceira rodada de debates, mas não deu nenhum detalhe adicional, como hora e local do encontro. Do lado russo, a mesma meia informação foi dada pelo negociador Leonid Slutsky, em uma entrevista ao canal Soloviev Live, no YouTube. As duas primeiras reuniões ocorreram em Belarus, perto da fronteira com a Polónia.

Apelos internacionais

O cessar-fogo, a ajuda humanitária e a situação das usinas nucleares da Ucrânia pautaram uma conversa telefônica de mais



Protesto contra a guerra da Ucrânia, ontem, no Centro de Belgrado (Romênia), aconteceu dois dias depois de outra grande manifestação na cidade, de apoio a Putin



Kireyev (no destaque) participou das primeiras negociações

de uma hora e 45 minutos entre os presidentes da Rússia, Vladimir Putin, e da França, Emmanuel Macron. O líder francês cobrou de Putin "uma solução aceitável para o lado ucraniano por meio de negociações".

Putin, porém, demonstrou pouca flexibilidade. Garantiu ao interlocutor francês que alcançaria "seus objetivos" na Ucrânia

"pela negociação ou pela guerra", informou o governo de Paris. Esses interesses, ou objetivos, são repetidos por Putin em todas as ocasiões: reconhecimento da Crimeia (ocupada desde 2014) como território russo, assim como das áreas dominadas por separatistas pró-Rússia na região do Donbass, e a desmilitarização e "desnazificação" da

Vamos abrir juntos o caminho para a paz"

Recep Erdogan, presidente da Turquia

nega, inclusive, que tenha iniciado o confronto na usina de Zaporizhzhia, e diz que a acusação dos ucranianos é "um elemento da campanha de propaganda cínica".

Foi a quarta vez que os dois presidentes conversam por telefone desde que a guerra começou. Depois do diálogo anterior, Macron considerou que "o pior está por vir".

O presidente da Turquia, Recep Erdogan, também telefonou para Putin, aumentando a pressão internacional por um "cessar-fogo geral e urgente". E se pôs à disposição para participar das negociações. "Vamos abrir juntos o caminho para a paz", disse ao colega russo.

Protestos

Enquanto os senhores da guerra conversam, os russos já sentem os efeitos das sanções econômicas impostas ao país. E muitos desafiam a censura e as proibições do governo Putin para protestar contra a guerra.

Só ontem, mais de 4,6 mil pessoas foram detidas por participar de protestos em várias cidades russas, de acordo com a ONG OVD-Info, que monitora as manifestações no país. O Ministério do Interior russo divulgou que 2,4 mil pessoas foram presas nas duas principais cidades do país: 1,7 mil em Moscou e 700 em São Petersburgo.

Milhares de pessoas também aproveitaram o domingo para pedir paz e protestar contra Putin e a guerra em diversas cidades europeias. Em Bruxelas, a polícia local estimou em 5 mil o número de manifestantes. Na Espanha, os atos foram maiores em Madrid e em Barcelona. Em Belgrado, na Sérvia, centenas de pessoas se concentraram para expressar apoio à Ucrânia, dois dias depois de uma manifestação a favor de Vladimir Putin e da invasão à Ucrânia. "Queremos dar uma imagem de Belgrado porque o que aconteceu na sexta-feira (manifestação pró-Rússia) foi uma verdadeira vergonha", declarou Zdravko Jankovic, um matemático de 46 anos.

Netflix e TikTok anunciam suspensão de operações na Rússia

O serviço de streaming Netflix e gigante de mídia social TikTok anunciaram a suspensão dos serviços de vídeo na Rússia, para manter seus funcionários em segurança e cumprir as novas leis sobre "notícias falsas". "Dadas as circunstâncias, decidimos suspender nosso serviço na Rússia", disse um porta-voz da Netflix.

No caso da plataforma de mídias, o TikTok tem mais de um bilhão de usuários no mundo e tem sido uma das fontes de imagens da guerra, postadas por moradores das zonas

conflagradas. De acordo com um estudo da Insider Intelligence, publicado na semana passada, o TikTok tinha cerca de 24,7 milhões de contas ativas na Rússia até o fim do ano passado.

O presidente russo, Vladimir Putin, sancionou na sexta-feira uma espécie de lei da mordada, que prevê penas de prisão de até 15 anos para quem publicar "notícias falsas" sobre os militares russos, no momento em que Moscou ordenou uma invasão na Ucrânia.

A lei foi duramente criticada,

mas Putin a defendeu, alegando que o país enfrenta "uma guerra de informação" que exige medidas defensivas. Aliás, o termo "guerra" está proibido de ser usado pela mídia russa. O governo Putin criou o eufemismo "operação especial" para designar a guerra na Ucrânia.

No Twitter, o TikTok se descreveu como "uma saída para a criatividade e o entretenimento que pode fornecer alívio e conexão humana durante um período de guerra, quando as pessoas enfrentam imensa

tragédia e isolamento".

Em uma declaração mais longa em seu site, a plataforma disse que a guerra "devastadora" na Ucrânia, além de causar sofrimento generalizado em todo o país, "trouxo dor para nossa comunidade".

Outro gigante das redes sociais, o Facebook já estava bloqueado, desde o dia 4, pelo Roskomnadzor, a agência regulatória russa do setor de telecomunicações. O Twitter, por sua vez, ainda opera em regime de "acesso restrito".



Gigantes da tecnologia temem o rigor da Lei da mordada russa





GUERRA NO LESTE EUROPEU

Pelo segundo dia seguido, cessar-fogo é desrespeitado, deixando milhares de pessoas reféns e cidades sitiadas. Falta água, comida e energia. Corpos estariam sob escombros, denuncia a população

O martírio dos civis

Pelo segundo dia consecutivo, o cessar-fogo anunciado na sexta-feira passada foi desrespeitado, deixando os civis de Mariupol, no sul da Ucrânia, presos na cidade portuária. Segundo a Cruz Vermelha, no 11º primeiro dia da invasão pela Rússia, a tentativa de retirar 200 mil pessoas foi interrompida, "em meio a cenas devastadoras de sofrimento humano". Em Vinnytsia, onde seria feito outro corredor para garantir a segurança da evacuação dos moradores, o aeroporto foi destruído. Noventa por cento dos prédios municipais foram reduzidos a pó, com corpos sob os destroços. Nas duas localidades, milhares estão sem eletricidade e com pouco estoque de comida e água.

"O corredor para evacuar a população civil não deixou Mariupol porque os russos reagruparam suas forças e começaram a bombardear a cidade", disse o governador da região, Pavlo Kiriilenko, no Facebook. Por sua vez, o presidente russo, Vladimir Putin, culpou "nacionalistas ucranianos" pelo fracasso da operação, o que também teria impedido a tentativa anterior, no sábado, segundo o líder russo. Em uma conversa por telefone de uma hora e 45 minutos com o presidente francês, Emmanuel Macron, Putin negou que seu Exército tenha civis como alvo.

Estratégico

Mariupol, um porto estratégico no Mar de Azov, está sob intenso cerco russo. O prefeito da cidade, Vadim Boitchenko, disse em uma entrevista publicada no YouTube que "Mariupol já não existe" e que há milhares de feridos. A queda da localidade representaria um ponto de virada na guerra, porque permitiria à Rússia unir as tropas que avançam a partir da península da Crimeia, anexada por Moscou em 2014, com as forças que entram no país a partir da região de Donbass, no leste. "O objetivo do inimigo é cercar cidades-chave e criar uma catástrofe humanitária", escreveu o secretário do Conselho de Segurança ucraniano, Oleksiy Danilov, no Facebook.

Enquanto isso, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, denunciou que as tropas russas estão se preparando para bombardear Odessa, o principal porto da Ucrânia, onde vivem cerca de 1 milhão de pessoas. Nas redes sociais, o líder fez um emocionado discurso. "Não perdoaremos pelas centenas e centenas de vítimas. E Deus não perdoará. Nunca."



Homem ajuda idosa a entrar no porão de um prédio, após bombardeio russo em Kharkiv, segunda maior cidade ucraniana

Amor em tempos de batalha

Vestidos com uniforme militar e ao som de uma serenata, dois jovens ucranianos se casaram na linha de frente da guerra, em Kiev. O vídeo compartilhado on-line mostra Lesya e Valeriy celebrando a cerimônia próximo à capital. Os recém-casados foram aplaudidos, e a noiva trocou o capacete por um véu branco, enquanto sorria e segurava a mão de Valeriy. Um grupo de soldados se juntou, em, cor ao dois, enquanto um homem tocava bandura, instrumento folclórico da Ucrânia, semelhante a um alaúde. A filmagem foi compartilhada por Paul Ronzheimer, repórter da agência de notícias alemã Bild-Zeitung, e logo viralizou.



Não perdoaremos pelas centenas e centenas de vítimas. E Deus não perdoará. Nunca"
Volodymyr Zelensky, presidente da Ucrânia

Destruição

Na capital Kiev, os bairros operários próximos, como Bucha e Irpin, já estão na linha de fogo, e os últimos ataques aéreos convenceram muitos moradores de que chegou o momento de fugir. "Eles estão bombardeando áreas residenciais, escolas, igrejas, prédios", lamentou a contadora Natalia Didenko, em entrevista à agência France Presse.

Em Bilohorodka, as tropas ucranianas colocaram explosivos na última ponte que

permanece de pé, para tentar frear a ofensiva russa. "Essa é a última ponte, vamos nos defender e não vamos permitir que cheguem a Kiev", afirmou um combatente, que se identificou apenas como Casper.

Em Chernihiv, uma cidade próxima da fronteira com Belarus e Rússia, dezenas de civis morreram. "Havia corpos por todos os lados. As pessoas estavam esperando para entrar na farmácia aqui e estão todas mortas", disse à France Presse um homem que pediu para ser identificado

apenas pelo primeiro nome. Serguei, em meio ao barulho das sirenes de alerta. Apesar de Moscou afirmar que não ataca áreas civis, correspondentes da agência de notícias disseram ter visto cenas de devastação no local.

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), 351 civis morreram na Ucrânia, e mais de 700 ficaram feridos. Para o alto comissário da ONU para os Refugiados, Filippo Grandi, o exílio forçado de 1,5 milhão de pessoas do país representou "a crise de refugiados mais rápida na Europa,

desde a Segunda Guerra Mundial". Já o chefe da diplomacia norte-americana, Antony Blinken, disse, ontem, que são "muito credíveis" os relatos de crimes de guerra cometidos pelos russos. Moscou afirma que perdeu 498 soldados até quarta-feira, em comparação com os 2.370 mortos no lado ucraniano. Kiev, por sua vez, afirmou ter matado 11 mil soldados russos, sem divulgar suas baixas militares. Os números, porém, são impossíveis de verificar de forma independente.



O menino foi colocado pela mãe em um trem, que partiu de Zaporizhzhia

Pequeno refugiado comove a Eslováquia

Aos 11 anos, um pequeno refugiado ucraniano cruzou, sozinho, a fronteira com a Eslováquia, informou a polícia de Bratislava. Denisa Bardiwova, uma equipe de voluntários acolheu a criança, que desembarcou no sábado, e ofereceu a ele alimentos e bebidas.

O Exército russo ocupa, desde sexta-feira, a central nuclear de Zaporizhzhia, a maior da Europa, onde — segundo as autoridades ucranianas — disparos de artilharia provocaram um incêndio. O governo russo nega ter sido responsável pelo fogo.

Agradecimento

A mãe do menino o colocou em um trem rumo à Eslováquia porque precisava ficar em casa para cuidar de sua mãe, que tem necessidades especiais. "Agradeço muito por terem salvado a vida do meu filho", declarou, ontem, Yulia Pitsetskaya, em um vídeo publicado no Facebook. "Em seu pequeno país, há pessoas com grande coração", acrescentou.

A polícia eslovaca escreveu na rede social que a criança "ganhou o coração de todos com seu sorriso, sua coragem e determinação, um trabalho digno de um verdadeiro herói". Os voluntários locais conseguiram fazer contato com alguns familiares do pequeno na Eslováquia, que de notícias disseram ter visto de guerra cometidos pelos russos. Moscou afirma que perdeu 498 soldados até quarta-feira, em comparação com os 2.370 mortos no lado ucraniano. Kiev, por sua vez, afirmou ter matado 11 mil soldados russos, sem divulgar suas baixas militares. Os números, porém, são impossíveis de verificar de forma independente.

Um tesouro ameaçado

Patrimônio mundial da humanidade, o rico acervo cultural de Lviv, a 560km de Kiev, recebeu cuidados extras contra um possível ataque russo. Por toda a cidade de 700 mil habitantes, agentes da Sociedade para a Proteção de Monumentos trabalham para garantir a integridade de esculturas, igrejas e vitrais, entre outros bens. No centro de Lviv, as muitas estátuas estão cobertas com lonas e tecidos resistentes a incêndios. De Netuno, na Praça do Mercado da cidade, apenas o tridente permanece visível. A mesma coisa acontece com as esculturas de Anfítrite, Diana e Adônis.

A iniciativa é coordenada por Andriy Saliuk, diretor da sociedade, uma organização que, em

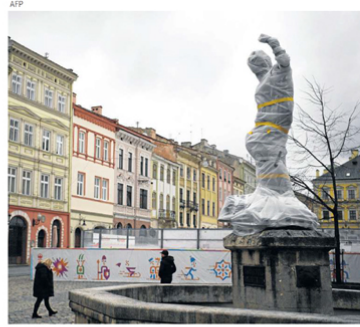
períodos normais, trabalha para conscientizar a população e as autoridades sobre a preservação do patrimônio. "Quando chegou a fase quente da guerra, um historiador me disse que, se acontecesse um bombardeio, Deus nos livre, poderíamos perder os vitrais", explicou à agência France Presse. Para ele, não há tempo a perder. "Não esperamos que o governo faça alguma coisa, que alguém escreva um pedido de financiamento. Saque o dinheiro, reunimos uma equipe e compramos material", acrescentou.

Danos leves

Ao lado de Saliuk, estão restauradores de arte e empreendedores do setor de construção,

todos bons conhecedores do tema. Foram eles que recomendaram os materiais necessários para embalar os vitrais de várias igrejas da cidade. Andriy Poshelva é um dos profissionais. O homem de 40 anos supervisiona a instalação de painéis de proteção na basílica central da Assunção, construída no fim do século 14. "Somos muito conscientes de que não estamos em condições de proteger os locais de um impacto direto, mas tentamos, na medida do possível, protegê-los de danos leves, seja um incêndio, uma onda de choque ou de pequenos fragmentos", explica.

Em um lado do templo, uma imponente escultura que representa o Santo Sepulcro já está



envolta em telas para preservação, sob o olhar atento de Liliya Onishchenko, diretora do projeto do patrimônio cultural

do município de Lviv. "Dediquei toda a minha vida à proteção do patrimônio cultural e (...) não gostaria que o resultado

Estátua protegida perto do conselho de Lviv: patrimônio da humanidade

do nosso trabalho fosse destruído pela guerra", lamenta a ucraniana de 66 anos. Em uma igreja armênia, um altar de madeira do século 14 recentemente restaurado foi desmontado e transferido para sua preservação, "como na I Guerra Mundial". De acordo com Onishchenko, os museus da cidade também protegeram as obras de suas exposições.

Depois de começar com os objetos mais frágeis, Andriy Saliuk quer passar para a próxima etapa. "As pessoas nos perguntam o que vamos fazer com as obras de arte dentro das igrejas. Ficamos felizes em ajudá-los, coordená-los, mas não podemos fazer tudo sozinho", admite o diretor da sociedade.



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Pelo segundo dia seguido, cessar-fogo é desrespeitado, deixando milhares de pessoas reféns e cidades sitiadas. Falta água, comida e energia. Corpos estariam sob escombros, denuncia a população

O martírio dos civis

Pelo segundo dia consecutivo, o cessar-fogo anunciado na sexta-feira passada foi desrespeitado, deixando os civis de Mariupol, no sul da Ucrânia, presos na cidade portuária. Segundo a Cruz Vermelha, no 11º primeiro dia da invasão pela Rússia, a tentativa de retirar 200 mil pessoas foi interrompida, "em meio a cenas devastadoras de sofrimento humano". Em Vinnytsia, onde seria feito outro corredor para garantir a segurança da evacuação dos moradores, o aeroporto foi destruído. Noventa por cento dos prédios municipais foram reduzidos a pó, com corpos sob os destroços. Nas duas localidades, milhares estão sem eletricidade e com pouco estoque de comida e água. "O corredor para evacuar a população civil não deixou Mariupol porque os russos reagruparam suas forças e começaram a bombardear a cidade", disse o governador da região, Pavlo Kyrylenko, no Facebook. Por sua vez, o presidente russo, Vladimir Putin, culpou "nacionalistas ucranianos" pelo fracasso da operação, o que também teria impedido a tentativa anterior, no sábado, segundo o líder russo. Em uma conversa por telefone de uma hora e 45 minutos com o presidente francês, Emmanuel Macron, Putin negou que seu Exército tenha civis como alvo.

Estratégico
Mariupol, um porto estratégico no Mar de Azov, está sob intenso cerco russo. O prefeito da cidade, Vadim Boychenko, disse em uma entrevista publicada no YouTube que "Mariupol já não existe" e que há milhares de feridos. A queda da localidade representaria um ponto de virada na guerra, porque permitiria à Rússia unir as tropas que avançam a partir da península da Crimeia, anexada por Moscou em 2014, com as forças que entram no país a partir da região de Donbass, no leste. "O objetivo do inimigo é cercar cidades-chave e criar uma catástrofe humanitária", escreveu o secretário do Conselho de Segurança ucraniano, Oleksiy Danilov, no Facebook. Enquanto isso, o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, denunciou que as tropas russas estão se preparando para bombardear Odessa, o principal porto da Ucrânia, onde vivem cerca de 1 milhão de pessoas. Nas redes sociais, o líder fez um emocionado discurso. "Não perdaremos pelas centenas e centenas de vítimas. E Deus não perdoará. Nunca."



Homem ajuda idosa a entrar no porão de um prédio, após bombardeio russo em Kharkiv, segunda maior cidade ucraniana

Amor em tempos de batalha

Vestidos com uniforme militar e ao som de uma serenata, dois jovens ucranianos se casaram na linha de frente da guerra, em Kiev. O vídeo compartilhado on-line mostra Lesya e Valeriy celebrando a cerimônia próximo à capital. Os recém-casados foram aplaudidos, e a noiva trocou o capacete por um véu branco, enquanto sorria e segurava a mão de Valeriy. Um grupo de soldados se juntou, em, coro aos dois, enquanto um homem tocava bandura, instrumento folclórico da Ucrânia, semelhante a um alaúde. A filmagem foi compartilhada por Paul Ronzheimer, repórter da agência de notícias alemã Bild-Zeitung, e logo viralizou.



Destruição

Na capital Kiev, os baixos operários próximos, como Bucha e Irpin, já estão na linha de fogo, e os últimos ataques aéreos convenceram muitos moradores de que chegou o momento de fugir. "Eles estão bombardeando áreas residenciais, escolas, igrejas, prédios, tudo", lamentou a condutora Natalia Didenko, em entrevista à agência France Presse. Em Bilohorodka, as tropas ucranianas colocaram explosivos na última ponte que

permanece de pé, para tentar frear a ofensiva russa. "Essa é a última ponte, vamos nos defender e não vamos permitir que cheguem a Kiev", afirmou um combatente, que se identificou apenas como Casper. Em Chernihiv, uma cidade próxima da fronteira com Belarus e Rússia, dezenas de civis morreram. "Havia corpos por todos os lados. As pessoas estavam esperando para entrar na farmácia aqui e estão todas mortas", disse à France Presse um homem que pediu para ser identificado

apenas pelo primeiro nome, Serguei, em meio ao barulho das sirenes de alerta. Apesar de Moscou afirmar que não ataca áreas civis, correspondentes da agência de notícias disseram ter visto cenas de devastação no local. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), 351 civis morreram na Ucrânia, e mais de 700 ficaram feridos. Para o alto comissário da ONU para os Refugiados, Filippo Grandi, o exílio forçado de 1,5 milhão de pessoas do país representou "a crise de refugiados mais rápida na Europa,

desde a Segunda Guerra Mundial". Já o chefe da diplomacia norte-americana, Antony Blinken, disse, ontem, que são "muito credíveis" os relatos de crimes de guerra cometidos pelos russos. Moscou afirma que perdeu 498 soldados até quarta-feira, em comparação com os 2.870 mortos no lado ucraniano. Kiev, por sua vez, afirmou ter matado 11 mil soldados russos, sem divulgar suas baixas militares. Os números, porém, são impossíveis de verificar de forma independente.

Polícia da República da Eslováquia/Chupaeva



O menino foi colocado pela mãe em um trem, que partiu de Zaporizhzhia

Pequeno refugiado comove a Eslováquia

Aos 11 anos, um pequeno refugiado ucraniano cruzou, sozinho, a fronteira com a Eslováquia, informou a polícia de Bratislava. A criança carregava uma sacola de plástico, o passaporte e um número de telefone, escrito por sua mãe. "Ele veio sozinho, de Zaporizhzhia, porque seus pais tiveram que permanecer na Ucrânia", declarou à agência France Presse a porta-voz da polícia, Denisa Barydyova. Uma equipe de voluntários acolheu a criança, que desembarcou no sábado, e ofereceu a ele alimentos e bebidas.

O Exército russo ocupa, desde sexta-feira, a central nuclear de Zaporizhzhia, a maior da Europa, onde — segundo as autoridades ucranianas — disparos de artilharia provocaram um incêndio. O governo russo nega ter sido responsável pelo fogo.

Agradecimento

A mãe do menino o colocou em um trem rumo à Eslováquia porque precisava ficar em casa para cuidar de sua mãe, que tem necessidades especiais. "Agradeço muito por terem salvado a vida do meu filho", declarou ontem, Yulia Pisetskaya, em um vídeo publicado no Facebook. "Em seu pequeno país, há pessoas com grande coração", acrescentou. A polícia eslovaca escreveu na rede social que a criança "ganhou o coração de todos com seu sorriso, sua coragem e determinação, um trabalho digno de um verdadeiro herói". Os voluntários locais conseguiram fazer contato com alguns familiares do pequeno de guerra cometidos pelos russos. Moscou afirma que perdeu 498 soldados até quarta-feira, em comparação com os 2.870 mortos no lado ucraniano. Kiev, por sua vez, afirmou ter matado 11 mil soldados russos, sem divulgar suas baixas militares. Os números, porém, são impossíveis de verificar de forma independente.

Nono perdoremos pelas centenas e centenas de vítimas. E Deus não perdoará. Nunca"
Volodymyr Zelensky, presidente da Ucrânia

Um tesouro ameaçado

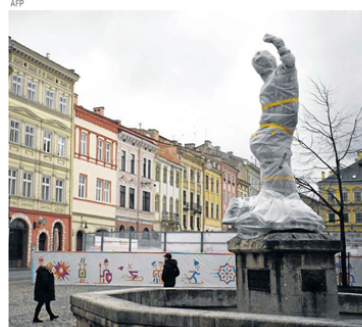
Patrimônio mundial da humanidade, o rico acervo cultural de Lviv, a 560km de Kiev, recebeu cuidados extras contra um possível ataque russo. Por toda a cidade de 700 mil habitantes, agentes da Sociedade para a Proteção de Monumentos trabalham para garantir a integridade de esculturas, igrejas e vitrais, entre outros bens. No centro de Lviv, as muitas estátuas estão cobertas com lonas e tecidos resistentes a incêndios. De Netuno, na Praça do Mercado da cidade, apenas o tridente permanece visível. A mesma coisa acontece com as esculturas de Amílrite, Diana e Adônis. A iniciativa é coordenada por Andriy Saliuk, diretor da sociedade, uma organização que, em

períodos normais, trabalha para conscientizar a população e as autoridades sobre a preservação do patrimônio. "Quando chegou a 'fase quente' da guerra, um historiador me disse que, se acontecesse um bombardeio, Deus nos livre, poderíamos perder os vitrais", explicou à agência France Presse. Para ele, não há tempo a perder. "Não esperamos que o governo faça alguma coisa, que alguém escreva um pedido de financiamento. Saquei o dinheiro, reunimos uma equipe e compramos material", acrescentou.

Danos leves

Ao lado de Saliuk, estão restauradores de arte e empreendedores do setor de construção,

todos bons conhecedores do tema. Foram eles que recomendaram os materiais necessários para embalar os vitrais de várias igrejas da cidade. Andriy Poshekva é um dos profissionais. O homem de 40 anos supervisiona a instalação de painéis de proteção na basílica central da Assunção, construída no fim do século 14. "Somos muito conscientes de que não estamos em condições de proteger os locais de um impacto direto, mas tentamos, na medida do possível, protegê-los de danos leves, seja um incêndio, uma onda de choque ou de pequenos fragmentos", explica. Em um lado do templo, uma imponente escultura que representa o Santo Sepulcro já está



Estátua protegida perto do conselho de Lviv: patrimônio da humanidade

do nosso trabalho fosse destruído pela guerra", lamenta a ucraniana de 66 anos. Em uma igreja armênia, um altar de madeira do século 14 recentemente restaurado foi desmantelado e transferido para sua preservação, "como na 1ª Guerra Mundial". De acordo com Onishchenko, os museus da cidade também protegeram as obras de suas exposições. Depois de começar com os objetos mais frágeis, Andriy Saliuk quer passar para a próxima etapa. "As pessoas nos perguntam o que vamos fazer com as obras de arte dentro das igrejas. Ficamos felizes em ajudá-los, coordená-los, mas não podemos fazer tudo sozinhos", admite o diretor da sociedade.

envolta em telas para preservação, sob o olhar atento de Liliya Onishchenko, diretora de proteção do patrimônio cultural

do município de Lviv. "Dediquei toda a minha vida à proteção do patrimônio cultural e (...) não gostaria que o resultado

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Mundo **Página:** 2,3 e 4